

PROCESSO DE TRABALHO EM MARMORARIAS: O CASO DE SÃO CARLOS, 1890-1950*

Elio Moroni Filho
Oswaldo M. Truzzi

RESUMO

Trabalho elaborado a partir de depoimentos de testemunhas oculares, e do exame e registro fotográfico de artefatos produzidos nas antigas marmorarias locais. Este artigo reconstitui o processo artesanal de trabalho, nas oficinas de beneficiamento final de mármore e de granito, localizadas no município de São Carlos, Estado de São Paulo, durante o período 1890-1950.

Palavras-chave: Artesão, história, imigração, mármore.

ABSTRACT

This paper was elaborated starting from declarations of eyewitnesses, and of the eation and photographic registration of workmanships produced in the old local stoneworks. The objective of this article is to reconstitute the craft work process in the final improvement of marble and granite workshops, formerly located in the municipal district of São Carlos, State of São Paulo during the period 1890-1950.

Keywords: Craftwork, imigration, marble, history.

* De novembro de 1998 a outubro de 1999, este trabalho recebeu auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Agradecemos ao “Programa Brasil Latino da Fundação Cassamarca”, pelo apoio nas pesquisas envolvendo a região de São Carlos.

1. INTRODUÇÃO

1.1. RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A literatura histórica brasileira tem reservado pouca atenção aos trabalhadores das oficinas de beneficiamento final de rochas ornamentais (mármore e granito). Relativamente a esses artesãos, existe uma historiografia fundamental, apontando para fatores históricos gerais, que condicionaram o surgimento de marmorarias, dirigidas por imigrantes italianos, em diversas cidades do Oeste Paulista, no período 1890-1950. Entretanto, nessa bibliografia, as referências aos marmoristas, assim como aos outros trabalhadores da construção civil, são esparsas e vagas, não respondendo às questões suscitadas por este artigo. Parecem não existir, até onde conseguimos investigar, trabalhos específicos sobre oficinas artesanais de beneficiamento de mármore e de granito, que desenvolveram suas atividades durante o período indicado acima.¹ De modo que, neste artigo, pretendemos reconstituir – parcialmente – o processo de trabalho em antigas marmorarias, podendo contribuir para a ampliação do conhecimento científico sobre o trabalho urbano no Estado de São Paulo, particularmente no setor de rochas ornamentais, durante o período que abrange o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

1.2. OBJETIVO E ESTRUTURA DO ARTIGO

Elaborado a partir de depoimentos de testemunhas oculares, e do exame e registro fotográfico de artefatos produzidos nas antigas marmorarias locais, o objetivo deste artigo é reconstituir o processo artesanal de trabalho, nas oficinas de beneficiamento final de mármore e de granito, outrora localizadas no município de São Carlos, Estado de São Paulo, durante o período 1890-1950. Para alcançarmos este objetivo, dividimos

¹ A constatação desta lacuna sugere a indagação dos motivos que levaram pesquisadores a reservar tão pouca atenção aos marmoristas. Uma possível explicação pode ser que os produtos mais expressivos desses artífices – os artefatos funerários –, capazes de identificá-los perante a sociedade, e distingui-los dos outros profissionais da construção, foram confinados em locais estigmatizados pela nossa sociedade: os cemitérios do Estado de São Paulo. Assim, os produtos dos marmoristas – conseqüentemente, seus produtores – perderam, por assim dizer, a “visibilidade social”.

o texto em seis seções: 1. introdução, indicando a relevância e o objetivo do trabalho; 2. fatores históricos gerais, que condicionaram o aparecimento das marmorarias, em diversos municípios do Oeste Paulista; 3. fontes e técnicas utilizadas para a realização da pesquisa, oferecendo aos leitores a possibilidade de avaliarem as qualidades e os limites deste trabalho; 4. resultados da pesquisa; 5. conclusões; 6. bibliografia consultada.

2. CONTEXTO HISTÓRICO GERAL: O CAFÉ E A IMIGRAÇÃO

Em diversos municípios do Oeste Paulista – entre eles, o município de São Carlos –, a presença de marmoristas esteve relacionada com a vinda massiva de imigrantes e com a urbanização do planalto paulista, condicionadas pela expansão da economia cafeeira, a partir das duas últimas décadas do século XIX. De fato, as oficinas de marmoraria foram, em São Carlos, dirigidas por imigrantes (predominantemente italianos), e por filhos de imigrantes, durante todo o período demarcado para a realização da pesquisa.

Esta seção objetiva descrever o contexto histórico geral, que favoreceu o advento e o funcionamento de oficinas de marmoraria, dirigidas por imigrantes italianos, no período 1890-1950. Distinguimos três níveis distintos de conhecimento e compreensão do objeto de pesquisa: 1) informações sobre os operários da construção civil no Estado de São Paulo (nível descritivo restrito ao setor industrial estudado); 2) aspectos da estrutura da indústria paulista, no período delimitado para pesquisa (nível descritivo amplo, com a apresentação resumida de algumas estatísticas); 3) conexões entre expansão cafeeira, imigração e formação do mercado de trabalho assalariado (nível explicativo).

No início do século XX, a construção civil integrava os setores de base técnica artesanal da indústria brasileira, os quais apresentavam as seguintes características: dispersão espacial; baixo grau de concentração de capital e de operários; predomínio do uso da ferramenta e da habilidade de um ofício especializado; identificação do trabalhador com o produto resultante de sua habilidade artesanal. No conjunto do país, esse disperso e amplo setor, formado por pequenas empresas de base técnica artesanal, aglutinava o maior número de estabelecimentos industriais. (HARDMAN & LEONARDI, 1982)

Nas oficinas e pequenas empresas artesanais, a participação de trabalhadores estrangeiros era bastante elevada, aumentando a partir da abolição da escravatura. Segundo o censo de 1893, realizado na capital de São Paulo, os estrangeiros constituíam

54,6% da população total, e um índice ainda maior da força de trabalho. Dos 10241 trabalhadores classificados como artesãos (os marmoristas devem ter sido incluídos nessa categoria), 85,5% nasceram no exterior. Na manufatura, 79% eram imigrantes; nos transportes e setores afins, 81%; no comércio, 71,6%. Excluindo as pesquisas no setor agrícola, os estrangeiros constituíam 71,2% da força de trabalho total da cidade. (MARAM, 1979)

Até a década de 1920, os imigrantes determinaram a formação do mercado de trabalho, pois a indústria concentrava-se, fundamentalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde era elevadíssima a porcentagem de estrangeiros nos diferentes ramos industriais. Em São Paulo, os italianos predominaram na formação da classe operária, concentrando-se em alguns setores de trabalho, entre os quais destacamos a construção civil, que tinha três quartos dos seus postos de trabalho ocupados por imigrantes italianos. (HARDMAN & LEONARDI, 1982)

A passagem ao trabalho assalariado, assim como a criação de uma rede de estradas de ferro, de comércio e de serviços, destinada a garantir a expansão e a comercialização do café, criava novas possibilidades de empregos urbanos, aproveitadas pelos imigrantes italianos. Tendo chegado num momento de transição, isto é, quando a escravidão entrava em crise e se recorria ao trabalho livre, os imigrantes conseguiram inserir-se num contexto urbano ainda magmático, que oferecia possibilidades de empregos em fase de gestação e de definição, portanto, ainda não aproveitadas pelos poucos trabalhadores locais. Por longo tempo, os estrangeiros monopolizaram todos os setores do trabalho urbano. Esse fenômeno foi evidente no Estado de São Paulo, onde os italianos inseriram-se em diversos misteres urbanos, entre os quais destacamos os marmoristas, canteiros, pedreiros, cavadores, ferreiros, caldeireiros, marceneiros, alfaiates. (TRENTO, 1989)

Para compreendermos a presença do imigrante italiano no Estado de São Paulo (campo/cidade), devemos considerar o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho. Especificamente, devemos considerar a inserção do Estado de São Paulo nas linhas do comércio internacional, envolvendo a produção cafeeira, a imigração, a formação do mercado de trabalho e o nascimento da indústria. (HOLLOWAY, 1984)

Na divisão internacional do trabalho, o Brasil assumiu o papel de fonte de produtos tropicais, que a Europa não podia produzir. Durante o século XIX, os centros urbanos europeus e norte-americanos entraram numa fase de industrialização tecnologicamente avançada, acompanhada pela expansão dos grupos de renda média e conseqüente elevação do nível de vida dos trabalhadores. Esses acontecimentos tornaram possível

a ampliação dos padrões de consumo de massa, levando a uma crescente demanda de café. O sudeste do Brasil – principalmente, o planalto do oeste de São Paulo – tinha condições topográficas, pluviométricas e térmicas, assim como terras, ideais para o cultivo do café. (HOLLOWAY, 1984)

A produção brasileira de café cresceu rapidamente, durante todo o século XIX. Durante as décadas de 1870 e 1880, o café tornou-se o centro motor do desenvolvimento do capitalismo no Brasil. O rápido crescimento da produção cafeeira foi, nessas duas décadas, acompanhado pelo deslocamento do centro geográfico das plantações: a partir de 1870, os planaltos de São Paulo substituíram o Vale do Paraíba. Durante a década de 1880, a produção de São Paulo ultrapassou a produção do Rio de Janeiro, tornando a Província de São Paulo a principal responsável pela expansão cafeeira. (SILVA, 1976)

A expansão cafeeira – conseqüentemente, a acumulação de capital – era dificultada pela escassez de mão-de-obra escrava, causada pela queda demográfica dos escravos, assim como por leis que acompanharam a campanha abolicionista. Nessas condições, os fazendeiros paulistas, apoiados pelo governo provincial, voltaram-se para a imigração, como solução do problema da mão-de-obra. Após 1870, o governo da Província de São Paulo encarregou-se de todas as despesas relativas à imigração: pagamento da viagem de trabalhadores e de suas famílias; criação de um organismo encarregado de promover a imigração, através de agências fixadas em vários países da Europa (sobretudo na Itália). A partir dos anos 1880, a imigração tornou-se massiva. (SILVA, 1976)

Numa outra direção, podemos estabelecer ligações entre o café e a indústria. Limitar-nos-emos ao aspecto da formação do mercado de trabalho: graças a imigração massiva de trabalhadores de origem européia, o mercado de trabalho formou-se e desenvolveu-se no Brasil, até a década de 1920. Os trabalhadores imigrantes, que chegaram ao Brasil a partir de 1880, forneceram a força de trabalho necessária ao desenvolvimento da indústria nascente. Assim, os imigrantes italianos, trazidos pela expansão cafeeira, representaram a massa do proletariado paulista, até a década de 1920. A indústria nascente – em particular, a indústria de São Paulo – encontrou a força de trabalho, necessária ao seu desenvolvimento, no mercado de trabalho constituído pela imigração em massa, provocada pela expansão cafeeira e organizada pela grande burguesia cafeeira através do Estado que ela controlava diretamente. A massa de trabalhadores imigrantes, que vem para o Brasil, a partir dos anos 1880, representou certamente um mercado consumidor para a indústria nascente, mas ela representa, antes de tudo, a formação do mercado de trabalho. Esse aspecto é essencial para a

compreensão dos verdadeiros laços que unem indústria nascente e economia cafeeira. (SILVA, 1976)

Tendo servido de braços para os estabelecimentos industriais nascentes, os imigrantes fizeram parte da massa anônima de trabalhadores que formaram o mercado de trabalho e, juntamente com outros fatores, viabilizaram a acumulação capitalista no período. É entre eles que reencontramos nossos marmoristas: artesãos que ajudaram a formar o mercado de trabalho urbano, inserindo-se no principiante setor industrial de cidades em formação, através de pequenas empresas familiares, que ofereciam seus produtos e seus serviços às populações locais, às elites enriquecidas pelo café, e, mais tarde, aos imigrantes bem-sucedidos no comércio e na indústria.

3. FONTES E TÉCNICAS DE PESQUISA

3.1. ARTEFATOS FUNERÁRIOS

A escassez de fontes documentais, assim como a escassez de fontes bibliográficas, relativas ao nosso tema de pesquisa, levou-nos a freqüentar os mesmos locais onde trabalharam, há mais de cem anos, nossos canteiros e marmoristas. Assim, visitamos, inúmeras vezes, o cemitério municipal Nossa Senhora do Carmo, situado na cidade de São Carlos. Aquele cemitério foi inaugurado em 1890, abrigando artefatos funerários que constituem a maior parte do que resta – e pode ser identificado – da produção dos antigos marmoristas locais. De modo que, os artefatos funerários foram de extrema relevância, quando fizemos a reconstituição histórica do processo de trabalho dos marmoristas, na cidade de São Carlos, durante o período 1890-1950. Reforçamos a importância do cemitério local, para este trabalho: ele é sítio privilegiado de pesquisa, permitindo: a identificação de artefatos produzidos pelos marmoristas locais; o conhecimento das matérias-primas utilizadas pelos artesãos, assim como a percepção dos seus saberes profissionais, através do exame daqueles artefatos. A seguir, descreveremos o cemitério Nossa Senhora do Carmo, bem como nossos procedimentos de observação e de coleta de material naquele local.

O cemitério Nossa Senhora do Carmo situa-se no extremo norte do perímetro urbano do município de São Carlos, ocupando um terreno de aproximadamente seis alqueires, cercado por muros. No mapa de São Carlos, a seta assinala a localização do cemitério, no encontro das avenidas São Carlos e Prof. Luiz Augusto de Oliveira.

O cemitério possui uma entrada – a mais antiga – voltada para o Oeste, cujos portões habitualmente atravessamos para realizar nossas coletas de material.

As coletas consistiram na extração de pequenos fragmentos dos monumentos observados, tais como porções de argamassa e de enxofre, assim como fragmentos de cobre e de ferro, utilizados pelos marmoristas na construção dos monumentos. Esses materiais forneceram, como veremos adiante, importantes informações sobre matérias-primas e conhecimentos técnicos utilizados pelos marmoristas na última década do século XIX, para os quais não encontramos informações provenientes de outros tipos de fontes.

Cabe-nos destacar, pela sua interferência ao trabalho de pesquisa, a ação de pessoas que depredam os monumentos, quebrando lápides e furtando objetos de bronze. Salientamos que, a ação desses depredadores constituiu-se em obstáculo ao trabalho de coleta de dados, uma vez que os monumentos antigos são o alvo preferido desses indivíduos, sendo que algumas lápides quebradas e alguns objetos roubados dificultaram a identificação dos marmoristas autores dos artefatos.

Nossa pesquisa de campo foi realizada no setor mais antigo do cemitério, que abriga monumentos construídos entre os anos de 1890 e 1950, período delimitado para este estudo. Caminhando pelas ruas e pelos corredores do setor mais antigo do cemitério, conseguimos identificar artefatos produzidos por marmoristas da cidade de São Carlos, assim como artefatos produzidos por marmoristas de outras cidades paulistas, por exemplo, Campinas e Ribeirão Preto.

Descreveremos, neste parágrafo, os procedimentos para a identificação de artefatos funerários produzidos nas marmorarias em São Carlos, no período delimitado para pesquisa. A observação dos artefatos funerários revelou-nos a existência de assinaturas no mármore – algumas quase apagadas pelo tempo – e de plaquetas de metal com nomes de marmoristas e endereços de marmorarias. Sem elas, teria sido difícil identificar os autores dos artefatos funerários, uma vez que todos estão mortos e seus estabelecimentos, extintos. Assim, identificamos quatro marmoristas e seis canteiros, que atuaram no município de São Carlos, no período delimitado para pesquisa (1890-1950): A. Transilli, Manoel Sanchez, Aurelio Sanchez, Secchiari, Bruno De Francisco, Bruno Giongo Filho, Prassitile Baccarin, Ferrari, Adelino Buglian e Orlando Buglian. Através de farto material iconográfico é possível xemplificar os procedimentos de observação e datação dos artefatos utilizados. Estes procedimentos permitem, identificar o nome do artesão, através de sua assinatura no artefato, além do ser possível datá-lo a partir de indicações da própria peça (data do epitáfio).

A mesma assinatura pode ser vista em outro artefato – bastante arruinado –, datado de 1893. Além de mostrar a assinatura do marmorista, é possível identificar as fraturas nos cantos da chapa de mármore. As fraturas foram provocadas por gatos de ferro, usados para unir as quatro chapas que formam a peça. A ferrugem aumentou o volume dos gatos de ferro, provocando a fratura da chapa.

Observamos que, além de identificarem os marmoristas existentes em São Carlos, as inscrições no mármore, e as plaquetas, respondem à outra questão formulada neste trabalho, qual seja, a nacionalidade dos trabalhadores. Percebemos, então, a origem italiana de quase todos os sobrenomes identificados acima, com exceção de Sanchez, que, conforme o nome permite supor e averiguamos posteriormente, era imigrante espanhol. Na seção Resultados de Pesquisa, reproduziremos imagens de outras inscrições que nos permitiram identificar os trabalhadores e suas obras remanescentes naquele sítio, assim como estudaremos o funcionamento das oficinas.

Após a identificação de artefatos produzidos por marmoristas da cidade de São Carlos, nossos procedimentos de pesquisa resumiram-se na observação cuidadosa dos artefatos, na produção de fotografias e na coleta de fragmentos de materiais utilizados na produção dos artefatos. A maioria dos objetos não recebe cuidados específicos para sua conservação, apresentando condições precárias e estando exposta ao desgaste natural provocado pelos agentes da natureza, à poluição urbana, ao ataque de ladrões e de depredadores. Muitos artefatos estão parcialmente destruídos, sobretudo aqueles que foram construídos durante a última década do século XIX, utilizando mármore de Carrara como elemento estrutural ou ornamental.

3.2. DEPOIMENTOS ORAIS

A partir das obras assinadas, que os marmoristas deixaram no cemitério local, foi-nos possível localizar parentes e amigos daqueles artesãos. As assinaturas foram, dessa maneira, o fio condutor de outra etapa da pesquisa de campo, a que visava o estabelecimento de contato direto com parentes e amigos daqueles marmoristas. Assim, a partir das assinaturas dos marmoristas nos monumentos funerários, identificamos as pessoas citadas a seguir:

- Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, viúva do marmorista Prassitile Baccarin (Marmoraria Baccarin & Buglian);
- Sr. Aurimar Antonio Sanchez, 63 anos, neto do marmorista Manoel Sanchez (Marmoraria Sancarlense);

- Sr. Álvaro Giongo, 76 anos, filho do construtor Bruno Giongo Filho (Marmoraria Brunetto).

Os primeiros informantes ofereceram-nos pistas, para a localização de outras pessoas. Apesar de não terem exercido o ofício de marmorista, e de não serem parentes dos marmoristas identificados no cemitério, elas nos deram informações relevantes, pois são testemunhas oculares que tiveram contato direto com os marmoristas que exerceram o ofício durante o período de 1890 a 1950. São elas:

- Sr. Benedito Vieira da Silva, 84 anos, empregado aposentado de marmoraria;
- Sr. Paulino Chiusoli, 66 anos, mestre-de-obras aposentado;
- Sr. Mauro Cerri, 69 anos, comerciante aposentado, que nos deu informações sobre a oficina de cantaria de Bruno de Francisco.

Denominamos fontes orais os depoimentos gravados com os informantes selecionados durante a pesquisa de campo. Assim, a elaboração das fontes orais teve quatro momentos principais, que podem ser destacados: 1. levantamento dos nomes dos antigos marmoristas, realizado no cemitério municipal; 2. localização de parentes e de amigos daqueles artesãos; 3. primeiros contatos, através dos quais o pesquisador apresentou-se aos informantes; 4. momento formal da entrevista, com a utilização de um gravador e de um roteiro de questões. Entrevistamos os seis informantes indicados acima.

Todos os informantes colaboraram para a realização da pesquisa, permitindo-nos a gravação de depoimentos orais e emprestando-nos documentos, fotografias, objetos e ferramentas. Como exemplo da colaboração dos informantes, citamos o Sr. Paulino Chiusoli, 66 anos, que descreveu, em seu depoimento oral, um martelo de cabeça tronco-cônica e cabo curto, utilizado pelos canteiros antigos.

Posteriormente, o desenho do martelo, realizado a pedido do pesquisador, auxiliou na localização da maceta. Essa ferramenta – hoje, bastante rara – era usada para golpear ponteiros e escopros utilizados para desbastar o granito natural. Notemos a precisão da lembrança do informante, no tocante à semelhança entre as formas do objeto desenhado e as formas do objeto real.

3.3. FOTOGRAFIAS

Utilizamos a fotografia, para fixar a imagem e documentar a existência dos artefatos produzidos pelos marmoristas e pelos canteiros, cujas oficinas estavam localizadas em São Carlos durante o período delimitado para a pesquisa. No que diz

respeito à seleção dos objetos que mereceram nossa atenção, a produção das fotografias obedeceu aos seguintes critérios:

- período de produção dos objetos: artefatos elaborados entre 1890 e 1950;
- autoria dos artefatos: prioridade para objetos elaborados por marmoristas e por canteiros estabelecidos no município de São Carlos;
- estado de conservação dos artefatos, quando se tratava de artefatos funerários: objetos mal conservados ou parcialmente destruídos, que facilitaram a percepção das técnicas empregadas em sua construção;
- similaridade: artefatos que, mesmo sendo de autores anônimos, foram elaborados durante o período 1890-1950, utilizando as mesmas técnicas dos artefatos produzidos pelos marmoristas locais.

4. RESULTADOS: RECONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DAS OFICINAS EM SÃO CARLOS

4.1. IDENTIFICAÇÃO E NACIONALIDADE DOS ARTESÃOS

Os profissionais que preparam a pedra, conforme a natureza do trabalho que exercem, denominam-se *canteiros* e *marmoristas*. Os canteiros são encarregados do afeiçoamento e do assentamento das pedras de cantarias (granitos, basaltos, arenitos, gnaisses, entre outras). Muitas vezes, a sua atividade estende-se à própria extração da pedra para esse fim. Os marmoristas são encarregados de trabalhar o mármore, exercendo um ofício que apresenta grande semelhança com o dos canteiros, a tal ponto, que muitos canteiros exercem, numa mesma oficina, os dois ofícios, pelos caracteres comuns a ambos e pela organização que exigem. (CAVALCANTI, 1951) Para os objetivos deste artigo, podemos dizer que o canteiro está mais familiarizado com o afeiçoamento do granito natural, enquanto o marmorista demonstra mais habilidade na preparação do mármore. Retomando nossas afirmações anteriores, identificamos quatro marmoristas e seis canteiros, atuantes no município de São Carlos, durante o período 1890-1950. Os marmoristas são:

- A. Transilli;
- Manoel Sanchez;
- Aurelio Sanchez;
- Secchiari.

Os canteiros são:

- Bruno De Francisco;
- Adelino Buglian;
- Orlando Buglian;
- Ferrari;
- Bruno Giongo Filho;
- Prassitile Baccarin.

Esses artesãos foram identificados, conforme vimos, a partir de assinaturas e de plaquetas deixadas em muitos monumentos funerários por eles construídos, sendo possível identificar através de material iconográfico a plaqueta da oficina do canteiro Bruno De Francisco (provavelmente, extinta no final da década de 1940) e as inscrições dos marmoristas Manoel Sanchez e Secchiari, sócios da Marmoraria Sancarlense.

No cemitério Nossa Senhora do Carmo, observamos a existência de artefatos provenientes de outras oficinas, que estavam situadas em diversos municípios do Estado de São Paulo. Embora elas não sejam o alvo deste artigo, transcrevemos seus nomes, para reforçar a nossa afirmação de que foram imigrantes italianos, e/ou descendentes de italianos, a maioria dos marmoristas que exerceram esse ofício entre 1890 e 1950, nos diversos municípios do planalto paulista. Os números, colocados entre colchetes, referem-se à data mais antiga do epitáfio de cada monumento e indicam a data aproximada da atuação das marmorarias:

Luiz Fazzi. Amparo. [1893]; **Irmãos Tonetti.** Mármore e granitos. Rua Prades, 23. São Paulo. [1971]; **Marmoraria Carrara.** São Paulo: Rua 7 de Abril, 23-27. **Santos**: Rua São Francisco, 156; **Lombardi.** Fundidor. [1931]; **M. Tavolaro.** Mármore e granitos. Rua Consolação, 98. São Paulo. [1925]; **A. Ventura & Cia.** Rua Anna Nery, 63. São Paulo. [1919]; **F. Martinelli & Irmão.** São Paulo. [1890]; **P. Nelez** [terceiro nome ilegível]. [1888]; **I.M.E.G. Indústria de Mármore e Granitos Rio Clareense Ltda.** Rua Treze (Vila do Rádio). Rio Claro [1953]; **M. Velez.** Rua General Ozorio, 832. Campinas. [1930]; **Marmoraria Carrara. Luiz Leonardi.** Araras-Piracicaba. [1932]; **Eugenio Prati. Escultor.** Rua Conego Eugenio Leite, 192. [1932]; **Marmoraria e Cantaria Irmãos Coluccini.** Escultor Prof. Lelio Coluccini. Rua General Osorio, 752. Campinas. Teleph. 2691. [1942]; **Marmoraria Carrara. Luiz Leonardi & Cia.** Rua Coronel Justiniano, 243. Araras-L.Paulista. [1941]; **Nova Marmoraria Progresso. Amleto Belloni.** Rua Saldanha Marinho, 57. Ribeirão Preto. [1950]; **S. H. Peragallo.** Marmorista. Rio Claro. [1903].

Este conjunto permite-nos perceber a dispersão espacial dos estabelecimentos, característica que parece marcar, desde o final do século XIX, o setor de beneficiamento final de mármore e de granito, no Estado de São Paulo. Além disso, essas fontes confirmam a preponderância do imigrante italiano na produção de escultura e de arquitetura funerárias, bem como a ocorrência em escala regional desse fenômeno, tornando possível entrever toda uma rede de relações profissionais que ainda está por ser estudada. Através desses elementos, poderíamos começar a traçar a geografia da indústria de mármore e granitos no interior do Estado de São Paulo, durante o período que abrange a última década do século XIX e as cinco primeiras décadas do século XX.

4.2. APRENDIZADO DO OFÍCIO

No município de São Carlos, duas gerações exerceram o ofício de marmorista, durante o período 1890-1950. A primeira geração é formada pelo imigrante espanhol e pelos imigrantes italianos, que chegaram ao Brasil no final do século XIX: Manoel Sanchez, Adelino Buglian, Bruno De Francisco, Bruno Giongo Filho, A. Transilli, Secchiari e Ferrari. Não dispomos de informações sobre o local e o processo de aprendizado do ofício, para esses marmoristas. Supomos que, eles tenham aprendido o ofício em seus países de origem, antes de imigrarem para o Brasil. A segunda geração é formada por filhos de imigrantes italianos, que nasceram no Brasil e que aprenderam o ofício com os imigrantes fixados neste país: Aurélio Sanchez, Prassitle Baccarin e Orlando Buglian.

São escassas as fontes que nos falam sobre as origens dos conhecimentos profissionais dos marmoristas. No entanto, parece-nos que o caso do marmorista Prassitle Baccarin é suficiente, para sustentarmos a hipótese de que o aprendizado do ofício, em São Carlos, no período delimitado para estudo, apresentava, para a segunda geração, elementos que nos remetem às associações de artesãos (guildas) surgidas durante a Baixa Idade Média. Assim, Vázquez (1986) observa que surgem, na Baixa Idade Média, as associações de artesãos do mesmo ramo, também chamadas guildas. Segundo o autor, essas associações agrupavam oficinas, cuja organização era definida por essa ordem hierárquica: mestres, oficiais e aprendizes. Citamos as palavras do autor:

“Em primeiro lugar o mestre, que é o chefe (para conseguir o posto era preciso ter uma loja, uma marca de fábrica para os produtos e passar num exame, o que dependia do número de mestres já existentes na cidade e de outras circunstâncias além da capacidade pessoal); o grau seguinte dentro das oficinas era formado pelos oficiais,

que chegavam a isso depois de passado o período necessário de aprendizagem; em terceiro lugar estavam os aprendizes, que ficavam sob a custódia do mestre não só no trabalho mas também fora (nesse estágio passavam vários anos, segundo o período estabelecido para cada ofício do artesanato.” (Vázquez, 1986, p. 86)

A folha de rosto da Carteira Profissional de Prassitile Baccarin, de cujo documento o marmorista tornou-se portador em 15 de setembro de 1941, mostra que, Prassitile Baccarin foi admitido para trabalhar na oficina de Manoel Sanchez, em 10 novembro de 1925, para o cargo de *oficial marmorista*. Retomando as afirmações de Vázquez, citadas acima, podemos afirmar que, Prassitile Baccarin ocupava, na oficina de Sanchez, um grau abaixo de *mestre* e um grau acima de *aprendiz*.

Por outro lado, o depoimento da Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, esposa do marmorista em referência, fornece-nos indícios de que Baccarin aprendeu o ofício com outro marmorista, o qual possuía uma marmoraria instalada no município paulista de Catanduva. Reproduzimos, a seguir, trechos da entrevista com a depoente:

Entrevistador: *Eu queria que a senhora me contasse onde ele nasceu.*

Sra. Naves: *Ele nasceu em Jaú.*

Entrevistador: *Ele morou em outro lugar, antes de se mudar para São Carlos?*

Sra. Naves: *Então. Ele morou lá em Catanduva.*

Entrevistador: *Em que época ele veio para São Carlos?*

Sra. Naves: *Então, também não lembro, não tenho idéia não. Quando eu... eu conheci ele, ele já tinha estado em Catanduva; conheci ele, ele... acho que não tinha... não sei, acho que não tinha completado dezoito anos, quando eu conheci ele.*

Entrevistador: *Por que ele veio para São Carlos?*

Sra. Naves: *A família dele morava aqui. E foi lá... eu acho que mais para aprender mais o ofício, em Catanduva, né?*

A entrevista fornece-nos indícios de que o marmorista aprendeu o ofício, durante a infância:

Entrevistador: *E o marido da senhora contava em que época ele começou a trabalhar?*

Sra. Naves: *Ah, de pequeno, viu?*

Entrevistador: *A senhora lembra a idade?*

Sra. Naves: *Quando ele começou?*

Entrevistador: *Isso.*

Sra. Naves: *Ah bem, não me lembro. Quando eu comecei namorar ele, ele ainda não tinha dezoito anos. Ele trabalhava ali no Manoel Sanchez. Ele já tinha trabalhado em Catanduva...*

Entrevistador: *O que ele fazia, em Catanduva?*

Sra. Naves: *Eh... de marmorista. Com esse homem que... levou ele para lá – não sei quanto tempo ele ficou lá.*

Entrevistador: *Antes de trabalhar como marmorista, ele teve algum outro tipo de serviço?*

Sra. Naves: *Que eu saiba não. Acho que foi só marmorista mesmo.*

Entrevistador: *Ele aprendeu com alguém o trabalho de marmorista?*

Sra. Naves: *Eu sei que acho que, pelo jeito, eu acho que foi com esse de Catanduva, acho. Que ele esteve lá. Porque... quando ele veio aí no Sanchez, ele já sabia trabalhar.*

Não podemos tirar conclusões seguras, a partir desses poucos dados. Além disso, o relato da informante é vago, no tocante à cronologia dos acontecimentos referentes à passagem de Baccarin pelo município de Catanduva. Mesmo assim, acreditamos que esse depoimento fornece-nos elementos, a partir dos quais podemos afirmar, sem correr grandes riscos, que Prassitile Baccarin trabalhou, durante alguns anos de sua adolescência, como *aprendiz de marmorista*, sob os cuidados do marmorista de Catanduva. Em São Carlos, tornou-se *oficial marmorista*, tendo sido admitido na oficina de Manoel Sanchez. Posteriormente, entre o início da década de 1950 e o início da década de 1960, Baccarin estabeleceu sua própria oficina, reproduzindo, por assim dizer, a ordem hierárquica das antigas associações medievais de artesãos do mesmo ofício.

A trajetória profissional de Prassitile Baccarin contrasta com a trajetória profissional de Bruno Giongo Filho, que dirigiu a extinta Marmoraria Brunetto. Baccarin possuía um acervo de conhecimento tradicional, assimilado ao longo de anos de aprendizado sob os cuidados de mestres-artesãos. Bruno Giongo Filho, entretanto, adquiriu conhecimentos profissionais no sistema formal de ensino. Ele foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, instituto profissionalizante que formava artesãos e trabalhadores de nível médio para a construção civil. No Liceu, Bruno Giongo Filho teve aulas de escultura, segundo o depoimento de seu filho, Álvaro Giongo, 76 anos:

Sr. Álvaro Giongo: Meu pai teve na sua... juventude o curso de Escultura na... Escola de Artes e Ofícios de São Paulo, que até hoje existe. É uma grande escola, pública, e que se localiza em frente à Estação da Luz, em São Paulo.

Autodidata, Bruno Giongo Filho fez, por correspondência, o curso de Engenharia, pelas Escolas Internacionais de Buenos Aires. Mais tarde, o Conselho Regional de Engenharia concedeu-lhe o título de Arquiteto Construtor Licenciado, segundo nos informa o Sr. Álvaro Giongo:

Sr. Álvaro Giongo: Por sua conta própria, dentro dos recursos que eram permitidos a um... a um jovem, casado, com família, com encargos, só lhe restava então o que era comum naquela época, que eram os chamados cursos por correspondência. E ele então fez o curso de Engenharia, e em Construções e Ferrovias, pelas Escolas Internacionais de Buenos Aires. Esse curso evidentemente não era reconhecido, e nem validado no país. Mas, quando se criou o Conselho Regional de Arquitetura e Engenharia, foi-lhe dada a... a prioridade de conseguir o licenciamento em... em construção. E ele passou a receber, então, a possibilidade de ser qualificado como Arquiteto Construtor Licenciado.

Em 1932, Bruno Giongo Filho fundou a Marmoraria Brunetto, que passou a produzir artefatos de granito natural, de granito artificial, de cimento e de gesso. Em 1950, a marmoraria encerrou suas atividades, quando foi destruída por uma enchente. Não nos parece correto designar Bruno Giongo Filho, exclusivamente, como marmorista. No ramo da construção, as atividades desse profissional foram diversificadas. Ele dedicou-se à ornamentação de fachadas e à construção de prédios residenciais, além de ter trabalhado para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, construindo estações, armazéns e estradas de ferro. No cemitério Nossa Senhora do Carmo, Bruno Giongo Filho deixou algumas obras, entre as quais destacamos a capela de alvenaria de tijolos, construída entre 1920 e 1922.

4.2. A DIVISÃO DO ESPAÇO: MORADIA ANEXA AO TRABALHO

A oficina de Manoel Sanchez, tal como podia ser vista no início do século vinte, abrigava a residência do marmorista e de sua família, assim como uma pequena loja destinada a mostrar ao público peças produzidas na oficina e/ou compradas de vendedores de outras cidades. A porta direita, parcialmente aberta, dava acesso a loja. Na parte inferior direita da imagem, percebemos a existência de um terreno cercado por muros, no fundo do qual havia uma espécie de galpão, de pequenas dimensões,

em cujo interior eram realizadas as atividades do marmorista. Esse galpão pode ser parcialmente visto na figura 19. Observamos, à direita, e no canto inferior esquerdo da fotografia, placas de mármore. Manoel Sanchez foi substituído pelo seu filho, Aurélio Sanchez. E, segundo os filhos de Aurelio Sanchez, entrevistados pelo pesquisador, esse marmorista dirigiu a oficina até 1949, quando veio a falecer. Nesse mesmo ano, a oficina fechou encerrou suas atividades.

No que diz respeito à divisão do espaço, a oficina de Bruno De Francisco seguiu o mesmo padrão da oficina de Manoel Sanchez: residência e estabelecimento de trabalho lado a lado, dividindo o mesmo terreno de propriedade do marmorista. O informante Mauro Cerri, 69 anos, define a oficina de Bruno De Francisco: residência do marmorista ao fundo; na frente, dois pequenos barracões retangulares e paralelos, que abrigavam os trabalhadores e seus utensílios, deixando vazio o centro do terreno. Citamos as palavras do informante:

Sr. Mauro Cerri: Seu Bruno De Francesco, aquele italiano velho, que tinha... fazia túmulo. Ele... ele trabalhava com mármore, ele fazia túmulo, né? Fazia túmulo e... e tinha ali na... na casa dele, tem um... ele fez a casa no fundo e, em frente, ele fez ali ele fez uma... uma fabriqueta lá, que dos dois lados ele fazia túmulo, né? A casa no fundo é como hoje. Não sei quanto que é. A casa no fundo, e na frente era... a oficina dele. A casa ficava, mais ou menos, uns dez metros ou mais da... longe assim, e dos dois lados daquela...era um corredor, dos dois lados tinha... tinha um coberto, que ele tinha... a mercadoria dele lá...

Sabemos que, por volta de 1925, a oficina de Bruno De Francisco (ou De Francesco, como diz o informante) produziu três monumentos ainda existentes no cemitério Nossa Senhora do Carmo, assinados pelo marmorista. Acreditamos que, essa oficina tenha encerrado suas atividades no início da década de 1950, segundo indicações do informante Mauro Cerri:

Sr. Mauro Cerri: Só que..., não sei, não me lembro bem aí que... eu aquele tempo era... quando abriu o armazém, ele estava terminando de... com a profissão dele, né? Aí depois, logo em seguida ele já era bem velho já, já... aposentou e não trabalhou mais. Eu morava ali perto, mas sabe como é que é moleque: não prestava muito... Eu sabia... aí depois quando abri o armazém ali pegado, é que eu soube. Tanto é que ele era... ele era amigo da gente. Com dezessete anos... dezessete, dezoito anos, é que eu fiquei... que eu... comecei a prestar atenção. Porque eu era moleque, aquela época, vivia sempre ali, via

ele passava ali, não prestava muita atenção, né? Mas depois, eu com dezoito anos já comecei a conviver com ele, ele ia sempre lá na minha venda. Mil novecentos e quarenta e oito, quarenta e nove...

A oficina dos sócios Prassitile Baccarin e Orlando Buglian estava localizada na Rua José Bonifácio, atual número 1925. Tal como a Marmoraria Sancarlense (Manoel Sanchez) e a Oficina de Cantaria Bruno de Francisco, a Marmoraria Baccarin & Buglian erguia-se ao lado da residência de Baccarin, fazendo parte mesmo do quintal daquela residência. A oficina era formada por um pequeno cômodo de tijolos, contíguo a dois barracões retangulares e unidos perpendicularmente. Os dois barracões foram construídos de forma bastante rudimentar, constituindo-se de telhados de uma água apoiados em pilares de madeira e nos muros que delimitam o quintal da casa. Uma pequena porção de terreno, delimitada pela parede lateral da residência do marmorista, e pelos barracões da oficina, era utilizada para abrigar as rochas recebidas para o trabalho na marmoraria. A oficina possuía piso de terra batida. Embora a informante Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, não tenha nos fornecido informações orais sobre o período de atividade da oficina, estabelecemos este período a partir do exame da Carteira Profissional de Prassitile Baccarin, de cujo documento o marmorista tornou-se portador em 15 de setembro de 1941. Assim, esse documento revela-nos que Prassitile Baccarin foi admitido na oficina de Manoel Sanchez, como *oficial marmorista*, no dia 10 de novembro de 1925. Vimos, anteriormente, que a oficina de Manoel Sanchez encerrou suas atividades em 1949. A Carteira Profissional de Prassitile Baccarin também apresenta registros de férias, que lhes foram concedidas por Manuel Sanchez, no período de 1940 a 1948. Assim, na página n. 10 do referido documento, lemos: "*Férias de 15 dias do período de 10-11-47 a 24-12-1948 concedidas de 24-12-47 a 13-1-48. S. Carlos 14-1-48 Aurelio Sanchez*".

Considerando o último registro de férias de Prassitile Baccarin, assim como o ano de encerramento das atividades da oficina da Marmoraria Sancarlense (1949), acreditamos que Prassitile Baccarin estabeleceu-se como marmorista, em sociedade com Adelino Buglian, por volta de 1950. A oficina de Baccarin e de Buglian parece ter encerrado suas atividades por volta de 1964, quando Baccarin foi admitido para o cargo de *chefe*, pela Construtora Arquitécnica Limitada, sediada na cidade de São Carlos. O documento citado ainda nos revela que Prassitile Baccarin desligou-se da Construtora Arquitécnica Limitada, em 31 de outubro de 1965, com o objetivo de se aposentar: "*em 31/10/65 para fins de aposentadoria por tempo de serviço. São Carlos, 03 de novembro de 1965*".

Em quase todos esses casos – com exceção da Marmoraria Brunetto –, a oficina parece ter dividido espaço com a moradia do artesão. Assim, poderíamos perguntar se a vida da oficina condicionava, em parte, as atividades cotidianas das famílias dos marmoristas: interditando, de forma expressa ou tácita, o espaço da oficina à esposa e às filhas, considerando tratar-se de um ofício exclusivamente masculino; ocupando parte do tempo dos filhos, na produção e/ou na limpeza da oficina; interferindo no horário das refeições da família; interferindo no sono dos filhos menores, através dos sons dos martelos e das máquinas na oficina. Dispomos de poucos indícios, para aprofundar essa questão. Entretanto, parece-nos significativo o depoimento da Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, pois ela permite-nos vislumbrar o quanto o ritmo da oficina podia interferir – senão sobrepor-se – ao ritmo doméstico. Indagada sobre o horário de almoço do marmorista, a informante responde ao pesquisador:

Entrevistador: *Ele tinha horário de almoço?*

Sra. Naves: *Tinha. Aquele tempo almoçava às dez horas. Aí eu tinha que levantar cedo, né, para fazer almoço. Durante todo o tempo que ele trabalhou ali foi que eu almocei às dez horas. Agora... mas nem pensar em almoçar às dez horas.*

O Sr. Aurimar Antonio Sanchez, 63 anos, filho do marmorista Aurelio Sanchez, lembra-se de sua mãe, debruçada sobre a janela da casa, oferecendo pão e café aos empregados da oficina. Cedemos a palavra ao entrevistado:

Sr. Aurimar: *Naquela época, por exemplo, chegava nove horas da manhã, minha mãe fazia... o café, cortava o pão, com manteiga, tinha uma janela lá, punha lá na janela o... o coiso com pão, e... café, eles paravam, iam lá, tomavam café, tudo, depois voltavam. À tarde, era a mesma coisa. Era como se fosse tudo uma família, ali.*

O depoimento da Sra. Naves Biggi Baccarin, assim como o depoimento do Sr. Aurimar Antonio Sanchez, revela a participação indireta da mulher no cotidiano da marmoraria. No depoimento do Sr. Aurimar Sanchez, a última frase (“*era como se fosse tudo uma família, ali*”) é de suma importância, para a percepção de uma das características do artesanato: os contatos diretos e emocionais entre o artesão, que administrava e trabalhava na produção, e seus empregados.

No presente, podemos dizer muito pouco sobre as outras oficinas, citadas neste trabalho. Além da identificação de suas obras, no cemitério local, nada mais sabemos a respeito delas, pois não foram encontradas outras fontes que nos pudessem fornecer informações sobre o seu funcionamento. Nem mesmo os informantes entrevistados

conseguiram lembrar-se delas. Ainda assim, parece-nos possível supor, com alguma segurança, que os conhecimentos técnicos de seus proprietários, assim como os equipamentos e as ferramentas de que dispunham, para o exercício de seu ofício, eram bastante semelhantes aos dos outros marmoristas aqui estudados, uma vez que são utilizados, nos monumentos deixados por essas marmorarias, os mesmos materiais e as mesmas técnicas construtivas utilizadas pelos outros marmoristas

4.3. CONDIÇÕES E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS OFICINAS

O exame de fontes documentais do passado, assim como o registro oral da experiência profissional de antigos marmoristas, fornece-nos indícios de que eram penosas as condições de trabalho nas antigas marmorarias, situadas em São Carlos, durante os primeiros decênios do século XX. Assim, o Sr. Benedito Vieira da Silva, 84 anos, empregado aposentado de marmoraria, faz, em seu depoimento oral concedido ao pesquisador, alusão aos cortes na pele dos canteiros, provocados por lascas de granito liberadas durante os trabalhos manuais de afeiçoamento da pedra. Citamos as palavras do depoente:

Entrevistador: *Seu Benedito, existe alguma diferença entre canteiro e marmorista?*

Sr. Benedito: *Ah, tem bastante, êh! Canteiro é uma parte muito bruta. [pausa de alguns segundos] Muito bruta. Marmorista é uma parte mais... mais delicada, né? Cantaria é coisa mais bruta. Você vai tirar uma lascona – aquele tempo tinha uns ponteiros grandes assim, desse ta- dessa largura, comprido assim, você pegava eles assim com essa mão, com essa aqui, com essa aqui malhava esse... essa marreta grande aí. Às vezes saía aquela lasca. Aquela lasca saía com uma parte que batia na gente, cortava. De corte. O granito natural saía assim. Cantaria é uma coisa cara, porque é... coisa perigosa.*

Além do depoimento do Sr. Benedito Vieira da Silva, a certidão de óbito do marmorista Aurelio Sanchez permite-nos entrever as péssimas condições de trabalho vigentes nas antigas marmorarias, em São Carlos. O marmorista Aurelio Sanchez faleceu, aos 37 anos de idade, no dia 29 de junho de 1949. O atestado de óbito, que foi firmado pelo médico Samuel Valentie de Oliveira, dá *causa mortis* “bronchite crônica – 13 toxemia”. Essa doença foi, provavelmente, causada pelos longos anos durante os quais o marmorista deve ter ficado exposto à poeira de sílica, pois sabemos, através da entrevista realizada com o filho desse marmorista, que Aurelio Sanchez trabalhou,

desde a infância até o período de manifestação da doença, na marmoraria de seu pai, o imigrante espanhol Manoel Sanchez.

O exame de artefatos produzidos por antigos marmoristas, assim como os depoimentos orais de pessoas ligadas a esses marmoristas do passado, revelam-nos aspectos cognitivos e psíquicos da organização do trabalho nas marmorarias, em São Carlos, nos primeiros decênios do século XX. No tocante aos aspectos cognitivos do trabalho, a ferramenta feita de madeira e aço, cuja imagem está reproduzida na figura 20, permite-nos vislumbrar a liberdade de decisão e de criação dos artesãos daquele período, os quais fabricavam algumas das suas ferramentas, solucionando problemas surgidos durante a realização do trabalho. Essa ferramenta riscava e marcava o mármore, tendo sido elaborada, ao que parece, a partir de um prego fixado numa das extremidades de um pedaço de cabo de vassoura.

O Sr. Antonio Joioso, marmorista da cidade de Araraquara, afirma que as oficinas dispunham de forjas rudimentares, sendo comum os canteiros fabricarem suas ferramentas, de acordo com as necessidades do trabalho. Transcrevemos as palavras do entrevistado:

Entrevistador: Onde o marmorista adquiria as ferramentas? Onde ele as comprava?

Sr. Antonio: Não. Isso aí ele ia lá e ele comprava um tarugo de ferro, ou comprava um ferro maciço desse aqui, mandava furar e ele mesmo fabricava.

Entrevistador: Ele mesmo fabricava?

Sr. Antonio: Ele mesmo. O marmorista mesmo ele batia ferramenta. Ele tinha uma forja, que é daquele tempo antigo lá, um tipo de um fole, que os caras faziam assim, e ele mesmo batia ferramenta. Um dia sim um dia não, um canteiro bom ele tinha que bater ferramenta. Um dia ele trabalhava, e numa parte da tarde ou parte da manhã ele batia suas ferramentas. Ele tinha que ser canteiro e ferreiro. Ele mesmo batia as ferramentas dele. De acordo com as necessidades do trabalho dele, ele fazia as ferramentas dele.

Ainda que eles não fabricassem todas as suas ferramentas, os marmoristas interferiam diretamente no seu fabrico, fornecendo, segundo suas necessidades, especificações aos ferreiros que recebiam suas encomendas. Para fundamentar esta afirmação, citamos o depoimento do Sr. Benedito Vieira da Silva, 84 anos:

Entrevistador: *Onde eram compradas as ferramentas?*

Sr. Benedito: *Ah, eles mandavam fazer, né?*

Entrevistador: *Ah, mandavam fazer?*

Sr. Benedito: *Mandavam fazer.. Mandavam fazer e... aonde fazia é que fazia do jeito que eles pediam, né?*

Entrevistador: *E onde eles faziam?*

Sr. Benedito: *Ah, isso... [pausa de alguns segundos] aonde que fazia isso aí, de primeiro... [pausa de alguns segundos] Tinha um que chamava... [pausa de alguns segundos] Tinha um negócio de fazer ferramenta, aí na Avenida... na Rua... Rua Bento Carlos, ele fazia ferramenta, esse aí. Ah, o Fioco! Ele chamava Fioco. Ele só cuidava em ferramenta.*

No que diz respeito aos aspectos psíquicos do trabalho dos antigos marmoristas, parece-nos valioso o pequeno artefato de mármore avermelhado, esculpido no formato de coração, tendo a inscrição *amo-te 15-4-1930*. Esse artefato revela-nos que os marmoristas podiam usar suas habilidades profissionais, suas ferramentas e as matérias-primas da oficina para elaborar objetos, que tinham a finalidade de expressar sentimentos de afeto por entes queridos.

Finalmente, gostaríamos de destacar a importância, para os aspectos do trabalho dos quais nos ocupamos, de um trecho do depoimento da Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, viúva do marmorista Prassitile Baccarin:

Entrevistador: *O que o marido da senhora achava do trabalho que ele fazia?*

Sra. Naves: *Ah ele adorava. [pausa de alguns segundos] Trabalhava com uma... com um... com um gosto, com uma satisfação, que só você vendo.*

União entre concepção e execução do trabalho; liberdade para elaborar e implementar soluções para problemas surgidos durante o decorrer das atividades; propriedade dos instrumentos de trabalho; possibilidade de expressar criatividade e sentimentos de afeto, através do trabalho; alto nível de satisfação com o trabalho; estes elementos, que são típicos do artesanato, parecem ter sido os contrapesos equilibrantes das más condições de trabalho vigentes nas oficinas de marmoraria e cantaria, em São Carlos, durante a primeira metade do século XX.

4.4. OBJETO DE TRABALHO: A ROCHA

As rochas foram identificadas no cemitério Nossa Senhora do Carmo, através de artefatos elaborados pelos antigos marmoristas locais. Partindo do exame dos artefatos funerários, podemos distinguir, de maneira um tanto grosseira, duas fases, no que diz respeito à predominância do uso do mármore estatuário branco – especialmente, o de Carrara – e dos granitos nacionais. As décadas de 1890 e 1910 evidenciam a predominância do mármore Carrara, utilizado como elemento estrutural ou ornamental na elaboração dos artefatos. O mármore estatuário cinza também foi utilizado, em muitos artefatos construídos ao longo da década de 1910. No período 1920-1950, os granitos nacionais substituem o mármore Carrara, sendo a utilização deste limitada aos objetos decorativos, como jardineiras, vasos e estátuas.

A utilização do mármore estatuário branco, como elemento estrutural, na construção de uma capela. Não conseguimos identificar o marmorista autor desse artefato, mas supomos que o monumento foi construído entre 1890 e 1899, conforme sugerem as datas nos epitáfios das pessoas sepultadas sob a capela. Há material iconográfico que documenta o resultado do ataque de vândalos ao monumento, os quais derrubaram uma das quatro piras que decoravam o telhado da capela. A fratura, provocada pelo arremesso do objeto ao chão, revela um mármore puro, de cor branca e forma sacaróide, bastante apropriado para trabalhos de escultura.

Em muitos outros monumentos do mesmo período, que foram observados no cemitério local, os artesãos utilizaram o mármore Carrara para revestir estruturas de alvenaria de tijolos, as quais dão sustentação às chapas de mármore. Nesse artefato, porém, o mármore é elemento estrutural: as quatro paredes da capela, assim como o seu telhado, são inteiramente de mármore. Os segmentos do interior da capela indicam algumas das técnicas empregadas pelo marmorista na construção desse artefato, como o corte e unificação das chapas, através de encaixes. No lado superior direito, a pequena mancha verde corresponde ao azinhavre (hidrocarbonato de cobre), que se forma em objetos de cobre expostos à umidade. A mancha verde sugere, então, que os encaixes foram reforçados, utilizando-se ligadores de cobre. Os ligadores metálicos (cobre, chumbo ou ferro) uniam as pedras entre si, sendo encaixados em furos talhados no mármore. Na capela, o marmorista utilizou, provavelmente, dois tipos de ligadores de cobre: gatos comuns e cavilhas. Os gatos comuns consistem em barras de cobre, cujas pontas são dobradas em ângulo, formando as “unhas de gato”. As cavilhas são empregadas, quase sempre, para unir pedras que se sobrepõem. Geralmente, elas

são constituídas de uma haste cilíndrica, que se faz passar forçada através de furos correspondentes feitos em duas peças sobrepostas. (TACLA, 1984).

Algumas imagens reforçam a hipótese dos ligadores de cobre. Os dois orifícios, em torno dos quais se formaram manchas de azinhavre, devem ter abrigado pinos de cobre, que provavelmente auxiliavam na sustentação do teto da capela, que se encontra parcialmente destruído. Acima dos dois orifícios, no centro da imagem, podemos observar uma das extremidades de um pino de cobre. Outras confirmam, de maneira inegável, a utilização de gatos de cobre. A imagem corresponde a um dos cantos exteriores da capela, próximo ao chão. O gato encaixa-se nos furos talhados nas barras convergentes. O terceiro furo, que se encontra vazio, abrigou a cavilha que uniu a barra de mármore à pedra sobreposta.

E ainda em outras, o artesão utilizou outra técnica para travar as pedras, a qual consiste em cortá-las ou entalhá-las de maneira análoga ao que se faz com a madeira. Neste caso, o marmorista cortou as pedras em duplo ângulo agudo, cujo encontro auxiliou a imobilização das duas paredes, impedindo o movimento das pedras.

Embora não tenha sido produzido em São Carlos, esse trabalho de cantaria constitui bom exemplo da substituição do mármore Carrara pelos granitos nacionais, e da limitação do mármore estatuário branco aos objetos decorativos, a partir de 1920. O artefato data de 1926, tendo sido assinado por Luiz Leonardi, que possuiu oficinas em Araras, Piracicaba e Lençóis Paulista.

No mesmo artefato, destacamos a jardineira de mármore branco, ornamentada com símbolos cristãos: dois ramos de oliveira e as letras gregas alfa e ômega. Nas tradições judias e cristãs, a oliveira é o símbolo da paz. Alfa e ômega – primeira e última letras do alfabeto grego – formam o símbolo helênico para Deus como começo e fim do universo. Essa simbologia fundamenta-se em trechos da Bíblia, por exemplo, “sou o primeiro e sou o último, e além de mim não há Deus”. (Is 44:6) Tanto os ramos de oliveira, quanto as letras gregas, são utilizados para adornar túmulos cristãos. No caso dessa jardineira, eles parecem indicar que o sepultado, que viu em Deus seu princípio e seu último objetivo, descansa em paz. (CHEVALIER et. al., 1997).

No município de São Carlos, os marmoristas utilizaram o mármore de Carrara e os granitos de origem nacional, conforme indicam os artefatos funerários remanescentes das antigas marmorarias locais. Manoel Sanchez, Aurélio Sanchez, A. Transilli e Secchiari deram preferência aos mármore estatuários brancos e cinzas, como matérias-primas. Prassitile Baccarin, Bruno de Francisco, Adelino Buglian, Orlando Buglian, Bruno Giongo Filho e Ferrari utilizaram, preferencialmente, granitos naturais.

O Sr. Benedito Vieira da Silva, 84 anos, revela-nos a origem do mármore Carrara, utilizado pelos marmoristas locais. As chapas de mármore Carrara eram provenientes de serrarias existentes no município de São Paulo, que recebiam e desdobravam blocos importados da Itália. Colocamos à disposição dos leitores trechos de nossa entrevista com o informante:

Entrevistador: *No caso do mármore carrara, como ele vinha para São Carlos?*

Sr. Benedito: *Como é que é?*

Entrevistador: *O mármore Carrara vinha para São Carlos. Em que estado ele chegava aqui em São Carlos?*

Sr. Benedito: *Eh, lá da Itália. De Carrara mesmo. Vinha bloco de lá serrar em São Paulo. Bloco de... de mármore Carrara vinha para serrar em São Paulo.*

Entrevistador: *E depois?*

Sr. Benedito: *Quando eu ia buscar lá em São Paulo, na serraria, eu via aqueles blocos, mas bloco de fileira de bloco assim mármore – de mármore Carrara, tinha fileira de bloco de... de mármore do Paraná, tinha o Neve-brasil, que é nosso aqui, é um mármore mais mole. Mas tudo. Mas de fileira. E granito natural também tinha os blocos. Bloco de... de vinte, trinta mil quilos! Tinha uns guindastes lá que levava na serra. [pausa de alguns segundos] A serra era de are... é só cabo de aço, água e areia.*

Ele faz alusão ao cabo de aço, à água e à areia utilizados na serra. Provavelmente, a serraria utilizava a tecnologia do fio helicoidal, para realizar o desdobramento dos blocos de rocha calcárea. A tecnologia do fio helicoidal fundamentava-se no corte da rocha através do atrito promovido por um cabo de aço, que se movimentava dentro de um longo circuito fechado. O cabo era composto por três fios de aço, enrolados na forma de hélice. A geometria do tipo hélice permitia o carregamento de substâncias abrasivas – na maioria dos casos, areia – responsáveis pela ação de corte. (ALENCAR, 1996).

No decorrer da entrevista, o informante tenta lembrar-se do nome da serraria, onde eram compradas as chapas de mármore que chegavam às oficinas de São Carlos. Ele inclina a cabeça para baixo, e, com gesto suave, coloca a mão esquerda sobre a frente, esforçando-se por lembrar.

Entrevistador: *E que serraria era essa, em São Paulo, onde o senhor ia?*

Sr. Benedito: *No momento agora eu não estou lembrado, viu? [pausa de alguns segundos] Não estou lembrado não... [pausa de alguns segundos] É uma serraria que é... é pegado com uma... Porque tudo que saía de lá de...aquela areia fininha que... saía das máquinas de serrar, caía tudo assim, ficava que nem uma praia, lá. Depois enxugava, ficava aquela areia, né? Indo de trem se via a serraria. O trem passava quase perto, lá. Eu estou acabando... o nome para falar para você aqui...*

Entrevistador: *O senhor lembra-se do nome do dono?*

Sr. Benedito: *Esse nome para falar eu não me lembro agora não. Faz muito tempo... [pausa de alguns segundos] Essa serraria é a mais grande que tem lá. [pausa] Ah, agora lembrei! Serraria Tonetto. Tonetta. Essa aqui que eu estou falando dos montes de...de blocos lá para serrar. Tonetto.*

A marmoraria Tonetti – que o informante denomina Tonetto – deixou alguns de seus produtos no cemitério Nossa Senhora do Carmo, identificados por plaquetas com o nome e o endereço da marmoraria, colocadas na base dos artefatos. Os irmãos Tonetti possuíam uma oficina de marmoraria e cantaria, situada no número 23 da Rua Prades, na cidade de São Paulo. O depoimento do informante, assim como os artefatos daquela marmoraria examinados no cemitério municipal, sugerem que os irmãos Tonetti atuavam em duas etapas do ciclo produtivo da rocha ornamental: a serragem de blocos e o beneficiamento final ou acabamento.

Ainda é o Sr. Benedito Vieira da Silva, 84 anos, quem esclarece a origem dos granitos naturais, utilizados pelos marmoristas em São Carlos. Segundo o entrevistado, as chapas de granito natural, utilizadas na marmoraria Baccarin & Buglian eram trazidas de uma pedreira localizada no município de Itu. Transcrevemos as palavras do informante:

Sr. Benedito: *Esse aí... que chegava no Baccarin, bloco de... de granito natural, cortava lá na pedreira e trazia do jeito que ele fazia – ia fazer o túmulo, né? Fazia aquela cerca de... de quatro por quatro, já vinha quase [palavra incompreensível] na medida certa. Depois ele dava – aparelhava, né? E bruto. Tudo cascudo, tudo.*

Entrevistador: *Em que pedreira ele ia?*

Sr. Benedito: *Ah, lá de Itu, né?*

Entrevistador: *Itu?*

Sr. Benedito: *Esse granito natural de Itu, de... de...chapa, e quando vinha de chapa também, é de Itu.Tudo lá em Itu. A pedreira é coisa louca, lá. Eu gostava de ver essa pedreira, viu?*

4.5. OS MEIOS DE TRABALHO: FERRAMENTAS E MÁQUINAS DA OFICINA

4.5.1. FERRAMENTAS

As ferramentas foram cedidas pela Sra. Naves Biggi Baccarin. O senhor Antonio Joioso prestou esclarecimentos sobre os usos das ferramentas citadas. As figuras, exibidas nas páginas seguintes, representam as referidas ferramentas. Observamos que, o conjunto está incompleto e constitui o que resta dos meios de trabalho da Marmoraria Baccarin & Buglian. Apesar disso, as ferramentas e o depoimento permitiram-nos reconstituir o método de trabalho comum a todos os canteiros do município de São Carlos, durante o período em estudo. Juntamos, às ferramentas e ao depoimento, um artefato funerário que parece condensar, por assim dizer, todas as etapas do afeiçoamento das chapas brutas de granito natural. Assim, as ferramentas, os depoimentos e o artefato permitiram-nos reconstituir a provável seqüência de atividades de trabalho do canteiro, desde o desbaste inicial até o polimento e recorte finais.

As oficinas de cantaria recebiam a matéria-prima em estado bruto, ou seja, elas recebiam chapas de granito natural em estado bruto. O canteiro concebia o artefato, apresentando o projeto ao cliente da oficina. Também era comum o artesão elaborar o projeto, seguindo as recomendações do cliente. Este ponto fica claro, a partir do depoimento do Sr. Aurimar Antonio Sanchez, 63 anos:

Sr. Aurimar: *Meu pai desenhava tudo. Meu pai fazia o desenho, do altar, de uma mesa de comunhão... Meu pai ele fazia todos os desenhos, e apresentava para a pessoa. Depois então que estava pronto, se o... o cliente trouxesse um desenho, que ele quisesse daquele jeito, então ele faria. Caso contrário, meu pai fazia o desenho, apresentava, a pessoa concordava...*

Observamos que em um monumento funerário proveniente da Marmoraria Baccarin & Buglian, construído durante a década de 1950. O artefato possui três tipos distintos de superfície: A. uma superfície rugosa; B. uma superfície lavrada; C. e uma superfície polida. Veremos, a seguir, o modo como cada acabamento foi conseguido, e como eles exemplificam as etapas sucessivas da preparação do granito natural.

O afeiçoamento começava pelo desbaste inicial da pedra, por meio de ponteiros cujas cabeças eram golpeadas pela maceta. Os ponteiros eram constituídos por uma barra de ferro de quatro quinas ou redondo, a modo de um prego. E a maceta podia ser substituída pelo martelo.

Após o desbaste inicial, o canteiro empregava as picolas. As picolas assemelhavam-se a uma marreta, na qual as faces que atuavam sobre a pedra, em vez de planas, apresentavam, em filas contíguas e paralelas aos lados dos quadrados que formavam as faces, uma série de pirâmides de base quadrada.

O emprego de cada picola dependia do aparelhamento desejado. Imagens mostram que a picola número 1 é a mais fina, as picolas números 2 e 3 são intermediárias, e a picola número 4 é a mais grossa. Para o apicoamento grosso, emprega-se apenas a picola número 4; para o apicoamento médio, empregavam-se as picolas números 4, 3 e 2; para o apicoamento fino, empregam-se as picolas números 4, 3, 2 e 1. O acabamento rugoso, que pode ser visto no artefato apresentado acima, foi conseguido, provavelmente, pelo emprego das picolas número 4 e número 3.

A superfície lavrada, que pode ser vista nas laterais do artefato, foi conseguida procedendo-se, inicialmente, ao apicoamento sucessivo com as quatro picolas e, em seguida, ao acerto com o escopro, para eliminar as asperezas. O escopro regularizou a superfície, tornando-a plana.

Em certos artefatos, o desbaste inicial, o apicoamento e a lavra foram feitos manualmente. O polimento foi conseguido, submetendo-se a peça à ação de uma politriz manual de bancada fixa, que será descrita a seguir. Após o polimento, a chapa foi recortada na serra, para atender às medidas exigidas no projeto.

4.5.2. MÁQUINAS

Dispomos de poucas informações, referentes às máquinas utilizadas nas marmorarias antigas, no município de São Carlos. Apesar de serem escassas, essas informações contribuem para o nosso conhecimento da tecnologia de beneficiamento final, disponível nas marmorarias locais durante o período em estudo. A Sra. Naves Biggi Baccarin, 85 anos, fornece-nos indicações das máquinas existentes na Marmoraria Baccarin & Buglian: uma serra utilizada para recortar as chapas de granito; duas “lustradeiras” usadas para polir as chapas. A seguir, transcrevemos trechos da entrevista da Sra. Naves, que mostrou ao pesquisador as antigas instalações da oficina:

Sra. Naves: *Então, aqui era a serra, nesse... nesse pedaço grande aqui. Agora é só... só tranqueira. [risos] E lá naquele outro lá era uma lustradeira.*

Entrevistador: *E naquela madeira, o que é que tinha, Dona Naves?*

Sra. Naves: *Ali era uma lustradeira.*

Entrevistador: *Lustradeira?*

Sra. Naves: *É, punha para lustrar os mármore, os granitos. Pode indo, vai indo, que eu vou atrás de você. [O pesquisador, seguido de perto pela informante, caminha devagar pelo quintal, antiga instalação da oficina.] Aí, você está vendo que tem até o... essa tampa de... de granito aí. Ali era a lustradeira, estava instalada. Tinha coisa de luz, tudo. Olha lá, você está vendo que ainda tem? Um dia... veio do ferro-velho, arrancou as coisas aí para levar para ele vender. Então, aí tinha uma lustradeira. Aqui tinha outra...*

A observação dos esmeris e da coluna de madeira, assim como o conhecimento da tecnologia disponível na década de 1950, sugerem que as “lustradeiras” – como a informante as designa – eram politrizes manuais de bancada fixa. As politrizes manuais de bancada fixa foram as primeiras máquinas utilizadas para o polimento de chapas. Elas eram constituídas por um braço articulado, preso por um lado a uma parede ou a uma coluna, e atravessado, na extremidade livre, por um eixo vertical, ao qual se adaptava um prato, no qual são fixados diversos segmentos de esmeril. O eixo vertical, acionado por um motor elétrico, imprimia ao prato um movimento de rotação, em virtude do qual o esmeril exercia o polimento da pedra, percorrendo a sua superfície pela ação do marmorista que governava o conjunto pela água que, conduzida ao longo do eixo vertical, caía permanentemente sob o prato. (CAVALCANTI, 1951).

As informações da Sra. Naves são muito vagas, para sabermos que tipo de serra existiu na Marmoraria Baccarin & Buglian. Entretanto, o Sr. Aurimar Antonio Sanchez, 63 anos, filho do marmorista Aurelio Sanchez, fornece-nos indicações mais precisas, sobre a serra utilizada na Marmoraria Sancarlense. Citamos as palavras do informante:

Sr. Aurimar: *Tinha... um empregado que trabalhava... em máquina – na serra... Era um carrinho, que corria sobre o trilho, então colocava... aquela pedra lá, aquelas placas de mármore, e... prendia naquele carrinho, depois o motor girava um disco, e... o carrinho tinha uma alavanca que ia movimentando então ia encostando naquele disco e ia serrando, de acordo com o que fosse marcado, né?*

O “disco”, que é mencionado pelo entrevistado, indica-nos a utilização de uma serra circular. As serras circulares eram constituídas por um disco de aço, revestido por uma coroa de carbureto de silício, ou com incrustações de diamante na periferia.

O disco era fixado num mandril, que recebia de um motor elétrico um movimento de rotação. Junto ao disco, uma canalização jorrava água, que visava: evitar a poeira; evitar o aumento de temperatura; auxiliar o corte. (CAVALCANTI, 1951). A alusão ao “carrinho sobre trilhos” indica tratar-se de uma serra circular de banco móvel, cujo banco corria sobre os trilhos e a serra era mantida sempre na mesma posição.

4.6. O SISTEMA CONSTRUTIVO DOS MARMORISTAS

Sistema construtivo é a conjugação de uma dada solução estrutural (forma como são distribuídas as cargas pelos diversos componentes da edificação) com uma determinada técnica construtiva (procedimentos construtivos). O sistema construtivo vincula-se: aos materiais de construção empregados; ao conhecimento técnico, o “saber fazer” do elemento humano. (ALAMBERT, 1993).

Acreditamos que, os marmoristas – sobretudo, aqueles que trabalharam entre 1890 e 1920 – desenvolveram um sistema construtivo próprio, que se definiu na arte funerária, distinguindo-os dos outros profissionais da construção. Eles combinaram a pedra afeiçoada com outros materiais, através de técnicas construtivas singulares – as quais vimos, em parte, na capela Prado -, que resultaram no uso da rocha ora como elemento estrutural ora como elemento de revestimento e decorativo.

Selecionamos o monumento “Rachella Laccativa”, datado de 1897, para investigarmos o sistema construtivo dos marmoristas do passado. A seleção obedeceu aos critérios seguintes: o artefato foi construído durante o período estudado, sendo representativo dos artefatos elaborados entre 1890 e 1920, no que diz respeito aos materiais e técnicas empregados em sua construção; o monumento é de pequeno porte – 1.67m de altura, atualmente – e está mal conservado, facilitando a observação minuciosa das etapas sucessivas de sua construção.

Para a elaboração do artefato, marmorista utilizou os elementos seguintes:

Elementos estruturais:

- Pedras naturais: mármore estatuário branco;
- Pedras artificiais: tijolo.

Elementos de revestimento e decorativos:

- Pedras naturais: mármore estatuário branco e mármore estatuário cinza.

Elementos de ligação das pedras entre si:

- Argamassa, enxofre, gatos de ferro e cavilhas de ferro.

Na página seguinte, apresentamos representações gráficas do monumento “Rachella Laccativa”, cujo objetivo é mostrar como os materiais foram combinados para compor o artefato. A representação tridimensional auxilia-nos na percepção dos planos e dos volumes do objeto, enquanto a vista frontal mostra-nos a altura de cada peça que compõe o artefato. As unidades de medida foram calculadas em centímetros, correspondendo às medidas aproximadas do monumento. No quadro inferior, os cortes numerados de 01 a 15 são, por assim dizer, a “desconstrução gráfica” do artefato, revelando aos leitores os procedimentos construtivos adotados pelo marmorista. O monumento é formado por 15 peças sobrepostas, que foram unidas com argamassa e ligadores metálicos (gatos e cavilhas de ferro).

O corte número 01 representa a base do artefato, sendo formado por uma estrutura quadrangular de tijolos *burros*. Nessa peça, as chapas de mármore estatuário cinza constituem elemento de revestimento, aderindo a uma fina camada de argamassa (aproximadamente, 1cm de espessura) colocada entre os tijolos e as chapas. A camada de argamassa, sobre a qual foram assentadas as chapas de mármore, pode ser vista na face frontal da peça correspondente ao corte número 05.

Os cortes 02 e 03 representam barras de mármore estatuário branco, que foram unidas por gatos de ferro. Essas peças possuem duas funções: estética, definindo planos distintos no objeto; estrutural, formando, juntamente com a peça 01, a base de sustentação das outras peças do artefato. O corte 12 representa a peça formada por quatro pequenas chapas de mármore branco, que foram unidas por gatos de ferro. As quatro chapas ajustam-se ao que parece ser um tijolo, formado pela mistura de argila (ortoclásio e hematita), areia (quartzo) e uma fase ligante à base de cimento (calcita e fosfato hidratado de cálcio). O tijolo parece impedir que as chapas sejam esmagadas pelas cargas das peças sobrepostas. O tijolo possui um vão, conforme indicado no desenho.

Outro artefato, datado de 1901, apresenta uma variação da técnica empregada na construção da peça 12. A peça é formada por quatro chapas de mármore branco, que foram unidas por gatos de cobre. Os gatos podem ser vistos na base da peça e no vértice. No vértice, a cavilha e as marcas de argamassa indicam ter existido outra peça, que estava fixada sobre o objeto em questão. O marmorista utilizou uma calda de cimento, para preencher o espaço vazio. Tanto nesse objeto, quanto na peça 12 do monumento “Rachella Laccativa”, observamos a existência de vãos circulares. Ignoramos a função desses espaços vazios, se é que eles possuíam alguma função.

Finalmente, os cortes 13, 14 e 15 indicam pequenos furos correspondentes, através dos quais passavam as cavilhas que prendiam as três peças entre si. No corte número 15, assinalamos um espaço vazio, onde foram encontrados vestígios do que parece ter sido a haste principal de uma cruz. Assim, acreditamos que o monumento era rematado por uma cruz, cujo estilo parece-nos impossível determinar atualmente.

4.7. OUTROS PRODUTOS DAS OFICINAS

As aplicações do mármore e do granito podem ser reunidas em quatro principais grandes grupos: 1. arquitetura e construção, que inclui todos os tipos de edificações, sejam elas públicas ou privadas; 2. construção e revestimento de elementos urbanos, que abrange a construção de jardins, fontes, bancos, calçadas, entre outros; 3. arte e decoração, que envolve a produção de esculturas, estátuas, bancadas de pia, balcões, móveis e outros pequenos objetos decorativos; 4. arte funerária. (ALENCAR, 1996) Acreditamos que, neste artigo, os objetos de arte funerária foram suficientemente estudados, de modo que não há necessidade de voltarmos a falar sobre eles. Assim, gostaríamos de mostrar, nas linhas seguintes, a atuação dos marmoristas locais na elaboração de produtos vinculados aos três outros campos de aplicação do mármore e do granito.

No campo da arquitetura e da construção, o marmorista Manoel Sanchez produziu ladrilhos, banheiras, escadas e altares, como informa o anúncio comercial da Marmoraria Sancarlense, publicado no Almanaque de São Carlos para 1917. Especificamente, a Marmoraria Sancarlense executou, no município de São Carlos, entre 1890 e 1950, alguns altares das naves laterais da Igreja São Sebastião, a mesa do altar da capela do Colégio São Carlos, a escada da sede do São Carlos Clube e o altar da Igreja Nossa Senhora Aparecida, no santuário da Fazenda Babilônia.

No campo da arte e decoração, os marmoristas locais criaram objetos decorativos de uso doméstico. Dois porta-retratos, elaborados pelo marmorista Prassitile Baccarin, sócio da Marmoraria Baccarin & Buglian, representam o marmorista e sua esposa. Além dos porta-retratos, Baccarin executou o porta-jóias, em cuja tampa podemos ler as iniciais do marmorista: *P.B.*. A inscrição *24-II-931* indica, provavelmente, a data da finalização do trabalho.

No domínio da construção e revestimento de elementos urbanos, a Marmoraria Baccarin & Buglian executou a placa de granito, que foi colocada na Praça Paulino Carlos, na cidade de São Carlos. A placa assinala a passagem dos reis da Bélgica pelo

município de São Carlos, em outubro de 1920. Entretanto, o monumento data de 1955, tendo sido encomendado pelo Rotary Clube de São Carlos.

5. CONCLUSÃO

Podemos classificar como *oficinas artesanais de acabamento*, as marmorarias estabelecidas no município de São Carlos, durante o período 1890-1950. As marmorarias possuíam base técnica artesanal, apresentando as seguintes características: baixo grau de concentração de capital e de trabalhadores; predominância do uso de ferramentas e das habilidades manuais do ofício; elaboração de objetos com forte cunho pessoal, permitindo a identificação do marmorista com os produtos do seu trabalho; transmissão direta dos conhecimentos tradicionais do ofício aos aprendizes e aos empregados. Somamos a estas características a união entre concepção e execução do trabalho, o alto nível de satisfação com o trabalho, e a liberdade para criar e implementar soluções para os problemas surgidos no decorrer das atividades de trabalho. Estes elementos, que são típicos do artesanato, estiveram presentes nas marmorarias antigas locais. Considerando as três etapas do ciclo produtivo do mármore e do granito (extração, serragem e beneficiamento final), as marmorarias inseriram-se no conjunto de estabelecimentos que atuaram na terceira principal etapa do ciclo produtivo, elaborando produtos finais a partir de chapas brutas e/ou semi-elaboradas, fornecidas por terceiros.

No contexto do processo de urbanização em São Carlos, as marmorarias estiveram incluídas na categoria de pequenas empresas, as quais receberam poucos estímulos do poder público, durante o período estudado. A falta de incentivos do poder público, os impostos municipais referentes ao exercício das atividades econômicas urbanas, assim como os aluguéis que muitos artífices pagavam aos proprietários dos imóveis, sufocavam os donos de pequenos estabelecimentos, diminuindo-lhes as possibilidades de ampliarem seus negócios. Devemos somar a estes fatores os pequenos capitais, dos quais dispunham os artesãos para iniciarem seus empreendimentos. No caso específico das marmorarias, essas dificuldades parecem ter determinado: a pequena concentração de capital; a impossibilidade de ampliação das oficinas; a impossibilidade de atender a quantidade e a diversidade da demanda, o que supomos ter sido uma das causas da presença de marmorarias, de outros municípios paulistas, no cemitério municipal.

Gostaríamos de assinalar dois obstáculos, que limitaram o conhecimento do processo de trabalho nas antigas marmorarias locais. A morte dos proprietários das oficinas, e a escassez de documentos escritos, comprometeram o conhecimento: das relações de trabalho na oficina, envolvendo marmoristas, aprendizes e empregados;

das relações entre as marmorarias e os fornecedores de matérias-primas importadas e nacionais (empresas fornecedoras, preços, etc.); das relações entre os marmoristas e a sua clientela, por exemplo, no que se refere ao volume da demanda e aos prazos de entrega dos produtos das oficinas. Apesar de terem oferecido informações relevantes para este trabalho, as testemunhas oculares não puderam elucidar, satisfatoriamente, as questões apontadas neste parágrafo. O exame dos artefatos funerários foi, por sua vez, importante para o resgate dos saberes profissionais dos marmoristas, mas os artefatos nos dão apenas as datas aproximadas da fixação dos marmoristas no município, e do período de funcionamento das oficinas.

A imagem do mosaico é útil, para finalizarmos este artigo. Cada peça, que compõe um mosaico, contribui para a compreensão do quadro. Ao longo de alguns meses, recolhemos fragmentos de lembranças e de objetos, que foram relegados ao esquecimento e ao descaso, durante um século. Juntando e organizando esses fragmentos, pudemos compor um mosaico, cujo tema é a passagem dos marmoristas pelo município de São Carlos, entre 1890 e 1950. Conseguimos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e suas relações uns com os outros. Entretanto, nosso mosaico permanece incompleto, pois algumas de suas peças se perderam para sempre, enquanto outras continuarão ocultas até que outros pesquisadores tornem a se interessar pelo nosso quadro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAMBERT, C. C. **O tijolo nas construções paulistanas do século XIX**. 1993. 120 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALENCAR, C. R. A. (Coord.). **Tecnologias de lavra e beneficiamento de rochas ornamentais**. Fortaleza: Instituto Euvaldo Lodi, 1996.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BIERDEMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- CASTRO, F. (Org.). **Almanach-Album de São Carlos 1916-1917**. São Carlos: Typ. Artística, 1917.
- CAVALCANTI, A. M. S. **Tecnologia da pedra**. São Paulo: Pongetti, 1951.
- CHEVALIER, J. et. al. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.
- FAUSTO, B. **Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- HARDMAN, F. F.; LEONARDI, V. **História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20**. São Paulo: Global, 1982.
- HOLLOWAY, T. H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MANTOUX, P. **A revolução industrial no século XVIII: estudo sobre os primórdios da grande indústria moderna na Inglaterra**. São Paulo: Editora da Unesp/HUCITEC, s.d.
- MARAM, S. L. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- SEGURADO, J. E. S. **Alvenaria e cantaria**. Lisboa: Bertrand, s.d.
- SILVA, B. (Org.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- TACLA, Z. **O livro da arte de construir**. São Paulo: UNIPRESS, 1984.
- TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo, 1989.

FONTES ORAIS (ENTREVISTAS)

BACCARIN, N. B. **Naves Biggi Baccarin**: depoimento [20 out. 1998]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1998. 1 fita cassete.

CERRI, M. **Mauro Cerri**: depoimento [17 maio 1999]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1999. 1 fita cassete.

CHIUSOLI, P. **Paulino Chiusoli**: depoimento [16 dez. 1998]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1998. 2 fitas cassetes.

GIONGO, A. **Álvaro Giongo**: depoimento [18 abr. 1996]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1996. 2 fitas cassetes.

JOIOSO, A. **Antonio Joioso**: depoimento [segundo semestre 2001]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. Araraquara, SP, 2001. 1 fita cassete.

SANCHEZ, A. A. **Aurimar Antonio Sanchez**: depoimento [29 maio 1999]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1999. 3 fitas cassetes.

SILVA, B. V. **Benedito Vieira da Silva**: depoimento [28 dez. 1998]. Entrevistador: Elio Moroni Filho. São Carlos, SP, 1998. 1 fita cassete.

